



Rússia e Ucrânia se acusam por ataque a prisão

Bombardeio destrói centro de detenção em Donetsk, no leste do território ucraniano. Ao menos 53 prisioneiros, entre eles combatentes do Batalhão de Azov, morrem. Moscou denuncia uso de sistema de artilharia entregue pelos EUA no massacre

» RODRIGO CRAVEIRO

Um bombardeio a um centro de detenção de Olenivka — cidade localizada em Donetsk, região controlada por separatistas no leste da Ucrânia — matou 53 prisioneiros de guerra ucranianos e feriu pelo menos 75. Moscou e Kiev se acusam mutuamente pelo ataque ao prédio que abrigava 193 prisioneiros de guerra ucranianos, inclusive combatentes do Batalhão de Azov que estavam entinchados na siderúrgica de Azovstal, em Mariupol (sudeste). A televisão estatal russa exibiu imagens de celas destruídas e de corpos carbonizados.

Porta-voz do Ministério da Defesa russa, o tenente-general Igor Konmashenkov afirmou que a prisão foi destruída por um sistema de artilharia norte-americano Himars, entregue pelos Estados Unidos à Ucrânia, culpou as próprias forças ucranianas e classificou o incidente como “provocação sangrenta” para desencorajar a rendição de militares. Eduardo Basurin, vice-chefe da milícia da República Popular de Donetsk, denunciou um “crime de guerra”. “As autoridades ucranianas mataram seu próprio povo, assim como todos os prisioneiros de guerra que são cidadãos ucranianos”, disse à emissora de TV Rossiya-1.

Do outro lado, Dmytro Kuleba, ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, acusou a Rússia de cometer “outro crime de guerra petrificante ao bombardear uma instalação correcional na Olenivka ocupada, onde mantinha prisioneiros de guerra ucranianos”. “Eu apelo a todos os parceiros para que condenem fortemente essa violação brutal do direito humanitário internacional e reconheçam a Rússia como um Estado terrorista”, afirmou.

Comitê de Investigação Russo/AFP



Imagem da destruição dentro do centro de detenção na cidade ocupada de Olenivka, no Donbass, região controlada por separatistas pró-Kremlin

O chanceler exortou a ONU, que facilitou a retirada de combatentes da siderúrgica de Azovstal, a também condenar Moscou e a visitar a prisão, a fim de levantar “todos os fatos desse crime hediondo”. Kuleba também pediu ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha que verifique a situação dos prisioneiros de guerra ucranianos.

“Assassinato”

Anatoliy Tkach, encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia em Brasília, afirmou ao **Correio** que o ataque ocorreu na noite de ontem foi “um assassinato de

prisioneiros de guerra ucranianos”. “De acordo com as informações da parte russa, nem um único funcionário da prisão, combatente da autoproclamada República Popular de Donetsk ou militar russo que guardava as instalações ficou ferido como resultado da explosão”, explicou. “Esse ataque da Rússia planejado foi realizado para disseminar a desinformação. Antes de tudo, é um assassinato em massa deliberado de soldados ucranianos presos.”

Para Peter Zalmayev, diretor da organização não-governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), não parece que os ucranianos tenham sido os responsáveis

pelo bombardeio. “Com o ataque a Olenivka, os russos tentaram esconder casos de tortura contra prisioneiros. Soldados de Moscou foram acusados de castrar alguns dos soldados ucranianos capturados. A denúncia se espalhou por meio do Telegram. O bombardeio à prisão parece uma manobra diversionista, para desviar o foco”, contou à reportagem. Ele acredita que, ao envolverem um míssil HIMARS no incidente, os russos querem forçar os norte-americanos a interromper o fornecimento desse tipo de armamento a Kiev.

Ainda segundo Zalmayev, o ataque pode ter ligação com a

contraofensiva da Rússia para a retomada da cidade de Kherson (sul). “Ao matarem os prisioneiros, eles estariam interessados em desencorajar a rendição dos próprios soldados”, disse, ao citar uma das teorias propagadas na Ucrânia. Por sua vez, Mykola Volkyvskyi, ex-assessor do presidente do Parlamento ucraniano, lembrou que a Ucrânia e a Rússia — incluindo combatentes pró-Moscou de Donetsk — firmaram um acordo pelo qual soldados que estavam cercados em Mariupol se renderam e receberam o status de prisioneiros de guerra. “O presidente Zelensky alertou que o assassinato de

qualquer um desses combatentes significaria o fim de qualquer negociação de paz. Foi um ato deliberado cometido pelos russos”, aposta.

Volkyvskyi justifica a acusação com base no fato de que a Rússia não pode executar abertamente soldados. “Por isso, encena um ataque e culpa a outra parte. Parece-me que os russos almejam criar terreno para a perpetração de sua própria propaganda de guerra. Além disso, na sociedade russa, há uma demanda para atrocidades contra militares ucranianos — oficiais e comandantes tolerar violações do direito internacional”, comentou.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“As Forças Armadas da Ucrânia atacaram exclusivamente as instalações militares russas: armazéns com combustível, armas e munições, postos de comando e instalações de infraestrutura militar. A Ucrânia não realizou ataques com foguetes e artilharia em Olenivka.

A natureza planejada deste crime e sua realização pela Rússia são indicadas por muitas evidências documentadas: em particular, a transferência deliberada de defensores ucranianos para um novo local pouco antes da explosão; análise da natureza dos danos e do movimento da onda de explosão; interceptações de conversas telefônicas dos militantes; ausência de bombardeios no local especificado, entre outros.”

Anatoliy Tkach, encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia em Brasília

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Guerra Fria vai para o espaço

Duas notícias da semana que termina colocam a nova “guerra fria” que se esboça entre as grandes potências em um patamar mais elevado — bem mais. Primeiro, foi a China que anunciou o lançamento bem-sucedido do segundo módulo da estação que está montando em órbita. O terceiro e último deve decolar até o fim do ano. Dias depois, a Rússia anunciou que se desligará do programa da Estação Espacial Internacional, que divide com os EUA e outros parceiros desde 1998, para construir uma própria.

Neste último caso, é difícil não ver correlação entre o divórcio nas alturas e as desavenças terrestres em torno da guerra na

Ucrânia. Seja como for, ambos os movimentos parecem assinalar o fim, ou ao menos uma interrupção de prazo indeterminado, na era de cooperação espacial que se esboçou desde a etapa final da Guerra Fria entre EUA e União Soviética e ganhou corpo na virada para o século 21.

O módulo internacional tem previsão de operar até 2030, embora o contrato entre americanos, russos e os demais sócios — Europa, Japão e Canadá — tenha validade até 2025. Nesse meio tempo, as agências espaciais dos remanescentes terão de encontrar alternativas para as funções a cargo de Moscou, como o transporte das tripulações e a propulsão acionada a

intervalos para que a estação se mantenha na órbita programada.

Nos próximos anos, além de Rússia e China, também a Índia planeja uma instalação própria — o horizonte é 2030. E, assim como todos os demais, além de Coreia do Sul e Emirados Árabes Unidos, trabalha para enviar missões à Lua.

Não é o limite

Como parte de seu esforço em múltiplas direções para se firmar entre as superpotências dos anos 2000, a China projeta ter seu Palácio Celestial a postos para substituir a Estação Internacional a partir de 2031. Mas a órbita da Terra não é o limite das ambições nutridas e cultivadas em Pequim. Ainda em 2030, a meta é levar astronautas para a Lua, repetindo feito até agora exclusivo dos EUA e da extinta URSS — justamente os dois países que chegaram também a ter instalações tripuladas permanentes no espaço.

Corrida a dois

A etapa das estações espaciais não foi a primeira da corrida espacial travada entre EUA e URSS desde o lançamento do satélite soviético Sputnik, o primeiro objeto de fabricação humana a ser colocado na órbita do planeta, em 1957. Quatro anos depois, Yuri Gagarin tornou-se o primeiro ser humano a viajar para o espaço. Em resposta, John F. Kennedy lançou o desafio para a Nasa de fazer do país o pioneiro na conquista da Lua. JFK não viveu para ver Neil Armstrong descer do módulo lunar da Apollo 11, com transmissão ao vivo por tevê para todo o mundo, e anunciar: “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”.

Os soviéticos saíram na frente também na empreitada de manter instalações tripuláveis em órbita. No início dos anos 1970, lançou o programa Saliut (“saudações”, russo), uma série de módulos acanhados e temporários. Os EUA deram

o troco em 1973, com o lançamento da primeira estação permanente, chamada Skylab (“laboratório espacial”), que teve morte prematura em 1979. A URSS deu o troco já nos seus anos finais de existência, com lançamento dos primeiros módulos da Mir (em russo, “paz” ou “mundo”), que seria concluída em 1996, já então pela Rússia, e permaneceu operacional até 2001.

Imita a arte

Mas, como de costume, coube à imaginação artística o papel de vanguarda na aventura do desbravamento científico — também na exploração espacial. Se Julio Verne concebeu a primeira viagem à Lua, em romance de 1865, foi o cineasta britânico Stanley Kubrick quem, no hoje distante e para sempre inquieto 1968, quem concebeu não apenas a presença permanente da humanidade no espaço, mas também a cooperação.

No clássico 2001, *uma Odisseia no espaço*, americanos e soviéticos colonizam a Lua. Como escala para as viagens até o satélite natural da Terra, astronautas e cosmonautas — em plena Guerra Fria, até o nome dados aos tripulantes era objeto de concorrência — contavam com uma estação orbital permanente e compartilhada. Suntuosa e espaçosa como um palácio — o nome escolhido agora pela China —, a instalação representava as expectativas de Kubrick e do coautor do roteiro, o escritor de ficção científica Arthur C. Clark.

Ainda mais impressionante, como exercício de futurologia, foi a sequência de ‘2001’. ‘2010’ foi lançado como livro por Clark, em 1982. Escrito como parte do esforço do escritor para decifrar os enigmas da obra anterior, o romance tem um novo ingrediente: concorrendo com a empreitada conjunta de americanos e soviéticos, uma estação chinesa disputa espaço na “geopolítica orbital”.